

A PROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

Informação Cultura Recreio

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 18 — TELEF. 030467
MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

No cumprimento duma missão

A Fundação Calouste Gulbenkian tornou público, distribuindo a todos os jornais portugueses, o programa de acção prevista, na colocação dos seus rendimentos. A benemérita instituição vai em breve aplicar 85 mil contos nas mais diversas actividades e instituições, dos quais 49 mil são destinados a Portugal.

O programa é lato abrangendo, como é já do conhecimento geral, múltiplos aspectos da acção civilizadora do Homem. Desde subsídios a centros artísticos e a organizações científicas, até ao franco auxílio a instituições de caridade, o Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian, não descuro dos mais pormenorizados e diversos aspectos da sua função primacial: a de fomentar a civilização.

O significado profundo de tão vasto movimento em prol do bem da Humanidade ultrapassa o montante das somas empregadas e a extensão da sua actividade, para se centrar sobretudo na razão do seu funcionamento, na ideia que o determinou.

Na época em que vivemos, a juventude habituou-se a presenciar e a apreciar os mais espantosos produtos da técnica moderna; assistiu a filmes dos quais se documentava o poder destruidor das bombas nucleares; verificou, com pormenor, os progressos a que se chegara na indústria da guerra; ultrapassou

mesmo as já limitadas fronteiras terrestres para se elevar aos domínios interplanetários; elaborou uma concepção de vida puramente técnico-mecânica. A velocidade, a máquina, a força, são verdades dominantes da vida moderna, que dirigem, preocupam e preenchem, quase totalmente a mentalidade dos jovens de hoje.

A Fundação Gulbenkian, não esquecendo o valor do progresso e da evolução técnica dos nossos dias e contribuindo para ela com somas elevadíssimas, tornou mais actuais princípios humanos e morais, por vezes, considerados como preocupações de uma medíocre e banal antiguidade. É que, para a Humanidade, o progresso técnico, em si próprio, perde a razão de ser, se o não acompanha a ideia moral e o princípio orientador. Progredir para destruir, para assassinar, consiste apenas em criminosa contradição, num círculo vicioso de funestas consequências.

A inteligência humana estuda, cria, descobre, e todas estas actividades são apenas processos de civilização. A finalidade provém, no entanto, da moral, da concepção valorativa do mundo que para uns, assenta na religião, para outros na consciência humana.

A Fundação Gulbenkian, preocupou-se, sem dúvida, em subsidiar instituições de carácter científico, e neste

caso, é de registar a acção puramente construtiva na sua escolha e selecção. No entanto, como complemento do apoio à ciência e à técnica, dedicou grande parte dos seus rendimentos a favor da cultura, sob o ponto de vista puramente artístico. A acção que vai exercer directamente nos museus, exposições, bolsas de estudo, festivais, prova bem esta faceta da sua actividade.

Mas, para além da ciência e da arte existe, enfim, a realidade; a realidade humana pura e simples. Existem criaturas que sofrem de fome, de doença, de abandono, que arrastam uma existência miserável e de flagrante injustiça. Para essas não interessam os foguetões que sobem a milhares de quilómetros de altitude, bombas que destroem cidades inteiras, ou mesmo museus que expõem obras de indiscutível valor. Para elas interessa apenas o pão de cada dia, o abrigo e o braço protector do amigo.

Calouste Gulbenkian, criando a sua Fundação, ensinou ao Mundo dos nossos dias, verdades que muitas vezes se esquecem. A caridade, o auxílio desinteressado, o bem espalhado gratuitamente são valores eternos e eternos serão, sem dúvida, os frutos dessa acção.

Chávenas de café quase amargo...

por Dr. Cruz Malpique

Por que se comprouve Deus...?

«O exemplo da castidade de Alexandre não fez tantos continentes como as suas bebedeiras fizeram de intemperantes». (Isto é de Pascal, e se o leitor acha esta tradução caim-caim, aqui lhe transcrevemos o francês respectivo: «L'exemple de la chasteté d'Alexandre n'a pas tant fait de continentes que celui de son ivrognerie a fait d'intempérants»).

E compreende-se. Somos dum barro moral tão mal amassado que mais nos aliciam os maus do que os bons exemplos, mais os vícios do que as virtudes.

Porque se comprouve Deus em fazer as suas criaturas humanas com tão acentuado pendor para os vícios?

MOSAICOS

Por António Garcez da Silva

** Não sei (porque perdi a noção do caminho percorrido antes de repousar nestas paragens de sonho) não sei o princípio, nem o fim deste mundo de outeiros e montes. Sei apenas que vivo há pouco no fundo deste vale, por onde desliza, cantando esta ribeira mansa.

As várzeas dormem ainda na sombra. É ao fundo alvorecem as formas da Serra de Sintra, vaporizadas no úmido azul da manhã.

Em redor, pelas encostas recobertas de urze, rosmaninho e tojo em flor, erguem os pinheiros as suas copas altas, dum verde profundo, melancólico, a boiarem no azul, ao sopro da brisa que desprende das verdes agulhas um brando sinfonizar, como de harpa eólea, aberta aos ventos calmos das ribas debruçadas sobre um mar de sonho.

** Tal o valor da Arte como meio de expressão, que não é possível reconstituir a feição da sociedade nas épocas mais distantes, senão por meio da sua arte — da observação e do estudo dos seus monumentos, que delapidados pelas revoluções e gastos pela corrida do tempo, deles prevaleceu um pouco até aos nossos dias.

Não existiam, então, livros onde os povos deixassem narrados os seus costumes, registado o seu pensamento, manifestada a inquietação

do seu espírito. O único meio de expressão eram as pedras. E estas são o único livro onde podemos ler a história dos povos das civilizações antigas e ouvir o eco longínquo da sua voz interior como vida.

Dai o interesse dessas pedras, às vezes tão solitárias e simples, como esses dolmens dispersos pelo solo descampado, impregnados dum mistério intraduzível; dai o interesse e o encanto desses fundos de cavernas, decorados de formas surpreendentes de expressão — de vida, de realidade e de sonho...

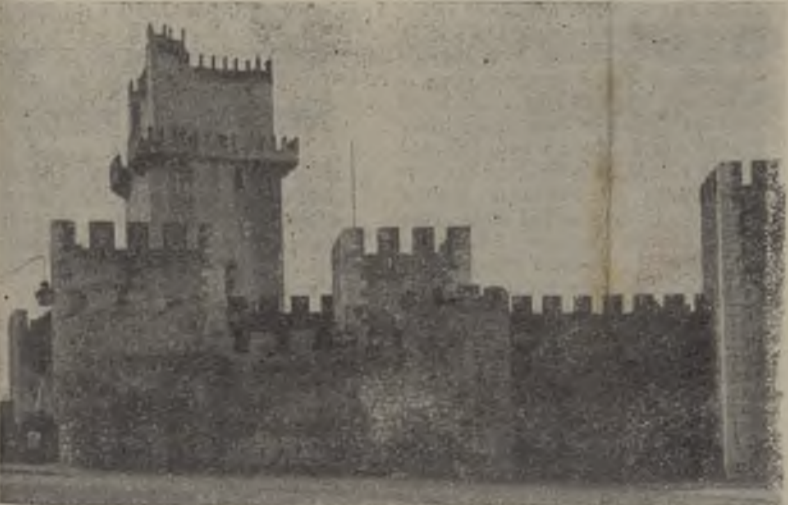
Só quando Gutenberg, com a descoberta da imprensa, procura que o monumento das ideias e a flor das emoções atinjam outras ressonâncias e outras distâncias, através de mil páginas volitantes, o Livro sobreleva ou substitui a expressão vigorosa da Catedral. «O livro vai destruir o edifício», escrevera Victor Hugo. E de certo modo com razão — porque nunca mais o Homem foi capaz ou teve necessidade de traduzir, através de absorventes criações arquitetónicas, todo o poder e arrojo da sua inteligência e toda a vibração incontida do seu lirismo.

** Toscanini, uma das mais destacadas figuras da Música do nosso tempo, morto há cerca de um ano, depois duma longa carreira

(Continua na página 4)

IMAGENS HISTÓRICAS

Castelo de Beja



Que se ergue altivo na antiga e nobre cidade «PAX-JÚLIA», dos Romanos, pátria natal de «Scror Mariana do Alcoforado», de cujas planuras em Julho de 1139, sob a chefia do Rei D. Afonso Henriques, este se dirigiu às ásperas serranias de Monchique, para encontro com os Sarracenos na memorável Batalha de Ourique.

LEGENDAS DE PORTUGAL (XIII)

VIRIATO

Um grande soldado e um grande chefe

Muitos séculos antes de Portugal ser independente, vivem, na parte ocidental da Península, mais ou menos no que é hoje o nosso território, um povo bravo, que se cobriu de fama na luta pela sua liberdade travada com os romanos: foram os lusitanos.

Entre estes, distinguuiu-se Viriato, o chefe, o herói da luta contra o invasor. Pastor habituado à dura vida das montanhas, ele aparece quando a invasão da gente estrangeira mais ameaça a sua terra, e liberta-a do perigo, vencendo quantos exércitos inimigos lhe aparecem... Do alto das suas montanhas, ele domina, nesta faixa ocidental da Península Ibérica, inclinada para o mar-Atlântico

Génio militar, valentia, astúcia, magnanimidade — tudo se reúne na sua figura, para fazer dela verdadeiro símbolo do espírito de independência.

Mas Roma, pela traição, consegue vencer os lusitanos, mandando assassinar Viriato.

Viriato, porém, não ficou vencido; ao contrário, no momento em que foi abatido pelo punhal assassino, entrou na História — e entrou como o primeiro grande soldado, como o primeiro chefe que surgiu no território donde, séculos mais tarde, havia de se erguer Portugal... uno, independente e livre.

(Transcrito com a devida vénia, de «A Campanha»)

Exmo. Sr. Manuel Giraldes da Silva RIC PRIO

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Bulhão Pato, 14 - 1.º

Telef. 030245 — MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes às 9 horas, todos os dias, excepto às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 030256 — MONTIJO

Dr. Igobel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto Português de Oncologia.

Doenças das Senhoras

Consultas às 3.ª e 6.ª feiras
R. Bulhão Pato, 14 - 1.º - Montijo

Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Dr. Santos Marcelo

Doenças nervosas e mentais

Consultas e tratamentos — primeiros e terceiros sábados de cada mês, pelas 12 horas, no consultório do Ex.º Sr. Dr. Ferreira da Trindade — Rua Bulhão Pato, 42 — Telef. 030131 — MONTIJO.

Dr. Elísio Morgado

Médico-Especialista

Doenças dos olhos

Consultas às 5.ªs feiras,
pelas 14 horas

Rua Bulhão Pato, 14 - 1.º
MONTIJO

Médicos Veterinários

Dr. Cristiano da Silva Mendonça

Av. Luis de Camões - MONTIJO
Telef.º 030502 - 030465 - 030012

Parteiras

Augusta Marques Charneira

Parteira-Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra

R. José Joaquim Marques — N.º 231
Telef. 030556
MONTIJO

Armanda Lagos

Parteira-Enfermeira

PARTO SEM DOR

Ex-estagiária das Maternidades de Paris e de Strasbourg.

De dia - R. Almirante Reis, 72
Telef. 030038

De noite - R. Machado Santos, 28
MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 030046

Serviços Médico Sociais, 030198

Bombeiros, 030048

Taxis, 030025 e 030479

Ponte dos Vapores, 030425

Polícia, 030144

Telefone 030376

Para Boas Fotografias
procure a

FOTO MONTIJENSE

Av. João de Deus, 71

(à Praça 1.º de Maio)

MONTIJO

MONTIJO

Casa da Criança

DE MONTIJO

Quando lemos notícias cuja condição única, é a prosperidade e fecundidade da Juventude, dão-nos sempre prazer, porque as consideramos dum valor mútuo e dum importância real, e mais ainda, patriótica.

Desejamos ardentemente que a Casa da Criança de Montijo viva suficientemente robustecida e logre o maior grau de intensidade dinâmica, sem perigo de enfraquecimento. Que ela possa contrastar com o vigor sempre crescente das suas forças orgânicas e que atinja e sustente o mais elevado grau de dinamismo vital, são os nossos votos.

A protecção à Criança deve ser entre nós uma religião, o que equivale a dizer, deve viver em nosso sangue, fundida na alma da nossa raça.

Toda a instituição desta natureza chama a nossa atenção, adquire simpatias, e sentimos por elas atractivos, e esta veio quando mais falta fazia, quando mais se sentia a sua necessidade, quando melhor podia ser acolhida, pois coincide com a decadência que tão manifesta se sente em muitas regiões, sobre a Criança.

Estas casas que se levantam são um eloquente testemunho de ascensão, são o orgulho de quem as eleva, um hino de fé, e uma aurora de esperança.

Esta será em breve uma aleluia de triunfo.

Que todos contribuam com uma pedra pequena para fortalecer aquela que lhe vai servir de base, porque até o mais pequeno cascalho será um átomo da sua fortaleza.

Lembra-vos que a criança criada sem amparo paternal equivale a dizer-se que cresce isolada; é como o espargo no monte à ventura e ao desamparo, e que a solidão dá maus conselhos originando maus pensamentos.

A planta lançada à terra sem cultura e sem cuidados vegetando em mau torrão, crestada da geada e pelos sóis, sacudida pelos ventos, se cria vigor e robustez também cria espinhos para o tronco e amargos para os frutos.

Entregue só a si, muitas

vezes, o coração empedernese-se e fica de rija tempera sem se dobrar à compaixão e ao amor do próximo.

E os que são assim, de quem é a culpa?...

De todos que esquecem que as crianças quanto mais vão crescendo ao abandono, mais a descrença vai crescendo em si.

E, enquanto crianças que se devem abrigar, orientar e acarinhar, porque sabemos, e muito bem que as plantas que de pequenas vão torcidas não podem, quando criam tronco, conseguir a direcção desejada, ou para melhor, a que lhe pertence.

Casas como a Casa do Gaiato, e a futura Casa da Criança que vai elevar a briosas e linda vila do Montijo, são luzes para a nossa Pátria e bênçãos para os seus fundadores, benfeitores e amigos.

Que Deus abençoe quem se não esquece que há crianças necessitadas de amparo físico e moral.

Que a Virgem Imaculada, Mãe de todos nós, vele pelas alminhas que em sua casa procuram abrigo e alento para a Vida.

Seisdedos Branco

Sociedade F.

1.º de Dezembro

Desta honrosa colectividade, recebemos o seguinte officio que gostosamente registamos em nossas colunas:

«Com os nossos agradecimentos, vimos agradecer a V... bem como a todos os colaboradores do vosso mui digno jornal, a boa vontade com que sempre tem publicado todos os assuntos de interesse a esta Sociedade, especialmente quando pela ilha da nossa Banda de Música a Kerkrade — Holanda, que tanto prestigiou o nosso distrito e o nome de PORTUGAL.

Esperando continuar a merecer de V. Ex.ª a consideração que sempre nos tem dispensado, etc.».

Não tem a «centenária 1.º de Dezembro» de se confessar reconhecida pela colaboração que «A Província» sempre lhe tem prestado, o que de resto tem procurado cumprir com dignidade para com as restantes colectividades do nosso concelho, sempre que se trata de prestigiar o nome de Montijo e do associativismo local.

E aos seus novos dirigentes reafirmamos os nossos propósitos de bem servir...

Notícias diversas de Portugal

— Durante o passado mês de Setembro o Aeroporto de Lisboa registou o seguinte movimento: passageiros desembarcados, 13.280; passageiros embarcados, 14.056; em trânsito, 15.619. O número de aviões foi de 834.

A Associação dos Bombeiros Voluntários de Vila Nova de Famalicão foi autorizada a alienar à Câmara Municipal pela quantia de 350.000\$00 o edifício onde actualmente se encontra instalada.

— Foi adjudicada à empresa Amélia Rey Colaço — Robles Monteiro, a exploração do Teatro Nacional D. Maria II.

— A Junta Central das Casas dos Pescadores foi autorizada a contrair um empréstimo na importância de 20.000 contos, destinado à construção de novos bairros e instalações assistenciais para pescadores e ampliação de outros já existentes.

— Na primeira quinzena de Outubro as 161 traineiras de Matosinhos pescaram 458.063 cabazes de peixe, no valor de 21.379.189\$00.

— Foi entregue ao Prof. Edgard Santos, reitor da Universidade da Bahia, o colar da Academia das Ciências de Lisboa.

— Deram entrada mais de 400 inscrições de Casas Agrícolas que vão competir no Concurso de Empresas predominantemente cerealíferas, promovido pela F.N.P.T.

— Com 73 anos, faleceu em Abegóia, concelho de Marvão, Emilia do Rosário, «Emilinha», grande figura da peça teatral «Os Velhos», do saudoso dramaturgo D. João da Câmara, que a citada peça imortalizou.

A Eleição dos Papas

Da disciplina à actual legislação

Notas coligidas pelo Prof. José Manuel Landeiro

(Continuação do núm. anterior)

Capítulo I — a vacatura da Santa Sé — Poderes dos Cardiais — Poderes das Congregações Romanas — As «Novendiales»

Os poderes dos Cardiais, sede vacante, são restrictos no sentido de que seria inexacto afirmar que, durante esse período sejam eles quem governa a Igreja. O Colégio dos Cardiais não pode exercer nem jurisdição, nem poder em tudo o que pertencia ao officio do Papa. Seria nulo e de nenhum efeito o que contra ele atentasse. Não pode corrigir nem modificar nenhuma lei estabelecida, especialmente a respeitante à eleição do Pontífice. Têm, porém, um poder de interpretação, por tácita delegação do Papa defunto, e sempre por maioria de votos, acerca

de pontos da Constituição sobre os quais fossem suscitadas dúvidas. Podem apenas prover à solução dum caso grave muito urgente, que não pudesse deferir-se para mais tarde.

Sede vacante, há duas espécies de assembleias Cardinalícias: as plenárias e a particular.

A particular é composta dos três Cardiais, chefes de Ordem, e do Camerlengo. Decide os negócios correntes.

Entre as Assembleias plenárias distinguem-se o Conclave propriamente dito e as «Assembleias preparatórias». Estas realizam-se em cada dia depois da morte do Pontífice até à abertura do Conclave. Faz-se nelas a leitura repetida da Constituição de Leão XIII e da de Pio X, decide-se e dispõe-se tudo o que é preciso para o Conclave, organiza-se o funeral do Papa defunto; essa Assembleia recebe em audiência especial o sene o Corpo Diplomático acreditado junto do Vaticano, sob a presidência do Cardial decano de idade, nomeia comissões em ordem à escolha do pessoal conclavista, disposição de aposentos, organização do sorteio que os indicará a cada um dos Cardiais, etc..

Os cargos de Secretário de Estado, Vice-Chanceler, Datário, etc., cessam inteiramente o seu exercício. Mas alguns officios subsistem. Além do de Cardial Vigário para a diocese de Roma, ficam em exercício o de Camerlengo e Grande Penitenciário.

Até ao ponto de que, se algum dos detentores destes cargos falecer, deverá ser substituído no prazo de três dias, a título provisório, e sempre por maioria abso-

luta de votos. O Camerlengo tem a administração dos bens e direitos temporais da Santa Sé.

As Congregações Romanas guardam os seus poderes ordinários; mas só os usarão para casos mínimos, reservando os importantes para depois da eleição do novo Papa, a menos que se não trate de negócios absolutamente urgentes, aos quais darão uma solução a título provisório.

Os officios fúnebres por alma do Papa serão celebrados durante nove dias — «Novendiales», com a maior solenidade. Os seis primeiros dias na Basílica de S. Pedro e os três últimos na Capela Sixtina.

(Continua no próximo número)

Jornal do Comércio

E' deste nosso prezado colega o artigo que hoje inserimos em editorial e que, com a devida vénia transcrevemos do brilhante trisemanário «O Setubalense».

Foto Cine Filme

Trabalhos para amadores

Fotografias d'Arte

Aparelhos Fotográficos

Reportagem Fotográfica

Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

SANFER, L.ª DA

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moínho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

AGENDA ELEGANTE

Aniversários OUTUBRO

— No dia 16, completou 30 anos, sr.ª D. Maria dos Anjos Costa, esposa do nosso estimado assinante, sr. António da Costa Murilhas, da Baixa da Banheira.

— No dia 17, o sr.ª D. Rosália Pires Victor, esposa do nosso prezado assinante, sr. José Victor, industrial e comerciante em Montijo.

— No dia 17, o sr. Edgard José Victor, sobrinho do nosso estimado assinante acima referido.

— No dia 24, perlez 10 anos, o menino Helder Flores Amado, filhinho querido do nosso dedicado assinante, sr. João Francisco Amado, da Baixa da Banheira.

— No dia 27, completou 26 anos, a sr.ª D. Maria de Lourdes Viegas Rodrigues, esposa do nosso prezado assinante, sr. Manuel Rodrigues, proprietário do Café «Estrela do Cabeço», da Baixa da Banheira.

NOVEMBRO

— No dia 4, o nosso prezado assinante, sr. Jorge dos Santos André, de Faro, perlez 25 anos de idade.

— No dia 6, completou 32 anos o nosso estimado assinante, sr. João Frederico Amado, da Baixa da Banheira.

— No dia 15, completa 7 anos a menina Clarisse Maria Queiroga Branco, filhinha estremeçada do nosso estimado amigo e assinante, sr. Alberto de Sousa Branco, proprietário da Foto «Ideal», da mesma localidade.

— No dia 16, o sr. João Sampaio de Oliveira, nosso dedicado assinante.

— No dia 17, o sr. José Tavares Pialgata, filho do nosso prezado assinante, sr. José Joaquim Pialgata.

— No dia 17, o nosso estimado assinante sr. José Silva Carvalho de Oliveira.

— No dia 19, a sr.ª D. Maria da Conceição Rodrigues dos Santos, esposa do nosso prezado assinante, sr. José Pereira dos Santos, proprietário da Tipografia «Grafex».

— No dia 19, o sr. José Marques, nosso estimado assinante.

A todos os aniversariantes e suas famílias, apresentamos as nossas felicitações.

Nuno de Menezes

Retomou a sua actividade nos serviços de publicidade para o nosso jornal e como nosso colaborador, o nosso antigo redactor sr. Nuno de Menezes, o qual voltará a dispensar-nos os seus préstimos doravante.

Esperamos, portanto, que o comércio e indústrias locais lhe continuarão a dispensar o seu bom acolhimento habitual, facilitando desse modo a sua missão a favor de «A Província».

BASQUETE BOLA

(Continuação da página 4)

ção que faria inveja a muitos praticantes de judo.

Esperávamos a expulsão do prevaricador.

Mas qual?...

O jogador montijense é que foi castigado com uma falta pessoal, o que provocou grande risota, mesmo por parte dos jogadores do Barreirense.

O treinador da turma do Barreirense, mandou sair o citado jogador para que os ânimos não se alterassem porque entre o Barreirense e Montijo existem laços de grande cordialidade, que um mau árbitro não pode fazer acabar.

José Rosa

Explicador

— 1.º e 2.º ciclo.

Av. João de Deus, 53 — MONTIJO.

MONTIJO

Câmara Municipal de Montijo

Resumo da acção da reunião ordinária do dia 28 de Outubro findo.

Presentes: Os srs. José da Silva Leite, Presidente; e os vereadores, Francisco Tobias da Silva Augusto, Tomás Manhoso Iça, Joaquim Brito Sancho, Carlos Gouveia Dimas, Francisco Braz da Cruz e Mário Miguel de Sousa Rama. **Secretário:** o sr. José Maria Mendes Costa, Chefe da Secretaria.

Deliberações tomadas:

- Fornecer o material necessário para o funcionamento do Posto Escolar de S. Gabriel — Canha;
- Conceder licença graciosa ao proposto do tesoureiro e ao jardineiro;
- Conceder alvará de licenciamento sanitário de barbearia a Firmino Ceia Alves Baptista;
- Aprovar vários projectos de obras;
- Ordenar que seja exposto ao público o segundo orçamento suplementar.

Resumo da acção da reunião ordinária de 5 do mês actual.

Presentes: Os srs. José da Silva Leite, Presidente; e os vereadores, Francisco Tobias da Silva Augusto, Tomás Manhoso Iça, Joaquim Brito Sancho, Carlos Gouveia Dimas, Francisco Braz da Cruz e Mário Miguel de Sousa Rama. **Secretário:** o sr. José Maria Mendes Costa, Chefe da Secretaria.

Deliberações tomadas:

- Conceder abono de família a um zelador;
- Alienar uma faixa de terreno no Cemitério Municipal a Joaquim Carvalheira;
- Conceder licença graciosa ao fiscal de obras;
- Solicitar do Ministério do Interior o provimento do lugar de 3.º Oficial vago, por o titular do cargo ter sido nomeado tesoureiro dos Serviços Municipalizados de Almada;
- Proibir o depósito de entulhos nas ruas da vila.

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Por erro tipográfico foi indicado nos últimos n.ºs do nosso semanário, como sendo o telefone deste ilustre clínico desta vila, o n.º 030 256, quando deveria ser o 030 245.

Dessa falta involuntária da qual poderiam resultar possíveis equívocos e prováveis prejuízos ao Sr. Dr. Avelino da Rocha Barbosa, temos-lhe a apresentar o nosso pedido de desculpas.

Conjunto Musical «Os Reis da Alegria»

Completa nesta data o nono aniversário de fundação o apreciado Conjunto Musical «Os Reis da Alegria», desta vila, constituído pelos srs., Manuel Pancão Cola, (saxofone alto e clarinete); João Lourenço da Luz, (acordeão); Firmino Alves dos Reis, (guitarra eléctrica e seu Director Artístico); Francisco Esperança, (contrabaixo de cordas e vocalista); e Mário Manuel Soares, (baterista de jazz).

Por se tratar dum dos mais valiosos agrupamentos que goza de grande renome nesta região, bem como nos concelhos vizinhos e através do País, — afirmando o prestígio de Montijo no campo musical, não poderíamos faltar a um motivo especial ao dirigir as nossas felicitações aos seus dedicados componentes, e nesta data comemorativa dirigimos-lhes o nosso abraço de amizade.

A «Orquestra Filarm. de Lisboa» em Montijo

Não restam dúvidas que Montijo vai saindo do marasmo em que se encontrava, em qualquer sector que seja, da sua vida quotidiana.

Como já aqui dissemos, a nossa terra atravessa um período eufórico musical; ainda não estão esquecidos os êxitos musicais em Kerkrade, pela Sociedade 1.º Dezembro; o extraordinário êxito do recital de piano de Jorge Manuel R. M. Peixinho e, já hoje temos o prazer de anunciar que visita esta vila, na próxima 2.ª-feira, 17 do corrente, a ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA, composta de 80 figuras, que, sob a regência do distinto maestro e Director do Conservatório Nacional, Dr. Ivo Cruz, dará um concerto no Cinema Teatro Joaquim de Almeida.

Deve-se esta iniciativa a uma Comissão de Senhoras da nossa terra que, com o patrocínio da Comissão das Festas de S. Pedro, para poder trazer até nós tão importante agrupamento musical que nos irá deliciar com interpretações de Bach, Beethoven, Litz, Rui Coelho, Artur Santos e a obra premiada no Concurso de Composição do Conservatório Nacional, «A Formosa desta Fresca Serra», da autoria do talentoso e jovem compositor montijense, Jorge Manuel Rosado Marques Peixinho.

Actuará também neste concerto a distinta cantora soprano, D. Maria Fernanda Mella, que cantará vários números de alguns dos melhores autores portugueses.

E assim teremos uma vez mais, em Montijo, um espectáculo que revela bem uma manifestação de arte a que a nossa terra não só não poderá alhear-se, como até deverá dar o seu apoio com a sua presença, para que o desenvolvimento intelectual do nosso povo não seja uma palavra vã.

E de esperar, pois, que tão distinta embaixada de arte tenha o acolhimento a que tem jus.

FESTAS DE S. PEDRO

Feira do Natal

Com vista a angariar fundos para as Festas de 1959, vai a Comissão levar a efeito a Feira do Natal, que decorrerá de 23 de Dezembro a 4 de Janeiro futuro.

Já há muitos pedidos de terrados, pelo que se prevê uma Feira animada e com variadas atracções.

A Feira será levada a efeito na Praça Gomes Freire de Andrade.

Homenagem simpática na Moita do Ribatejo à sr.ª Dr.ª Madalena Ruas

Pela sua recente transferência para a ridente vila de Alcobaça, na qual vai dirigir a respectiva secretaria notarial, efectuou-se no pretérito domingo, dia 9, na vizinha e amiga vila da Moita do Ribatejo, no salão do reputado Café Avenida, um almoço de despedida e homenagem à nossa dedicada assinante, sr.ª Dr.ª D. Maria Madalena Azevedo Ruas, que durante longos anos, desde o início da sua carreira, prestigiou as suas funções, granjeando gerais simpatias, não só no seu concelho natal, como nesta comarca.

Essa homenagem reuniu elevado número de convivas, e dada a carência de espaço de que dispomos no presente número, referir-nos-emos mais desenvolvidamente na próxima semana.

«A Província», — que só tardiamente teve conhecimento dessa simpática homenagem — a qual não pode associar-se directamente, fez-se representar por um prestimoso amigo deste jornal e ali residente.

Dia do Armistício

1918 — 11 de Novembro — 1958

Quarenta anos vão decorridos sobre o dia memorável de 11 de Novembro de 1918, que constituiu a terminação de hostilidades entre os países dos Impérios Centrais e as Nações Aliadas, figurando neste grupo igualmente Portugal.

O armistício firmado nesse longínquo dia, representou um acto de alegria para todo o Mundo ao ver terminada uma hecatombe que durante quatro anos enlutara a Humanidade, fazendo-lhe renascer as esperanças para uma paz duradoura.

A data do armistício representava, portanto, um acontecimento grato ao coração dos portugueses, compartilhando os montijenses dessa satisfação.

A Delegação de Montijo da Liga dos Combatentes da Grande Guerra recordando tal acontecimento embaixou a sua sede e visitou no Cemitério local o talhão dos combatentes, — em comovida homenagem de saudade —; e tomou parte em diversas cerimónias levadas a efeito na capital, tais como: — concentração na sede da Liga, das Delegações nacionais e estrangeiras; missa na Igreja de S. Domingos, por alma dos antigos combatentes; colocação de flores no monumento evocativo da Grande Guerra, na Avenida da Liberdade, por antigos combatentes de Portugal e outras Nações Aliadas, e romagem ao Cemitério do Alto de S. João, com visita à Cripta erguida no citado Cemitério, de homenagem póstuma aos combatentes portugueses.

LUTUOSA

João Gomes

Quando no penúltimo sábado, dia 1 do corrente, João Gomes, de 36 anos, natural de Lisboa, maquinista da Administração Geral do Porto de Lisboa, subia para o comboio na estação do Cacém, com destino a Lisboa, teve morte súbita.

O falecido era casado com a sr.ª D. Elisa Ferreira dos Santos Gomes, natural de Montijo, cunhado da sr.ª D. Ema dos Santos Cola e concunhado do nosso prezado assinante, sr. Francisco Conceição Cola, deixando dois filhos menores, Luís Manuel, de 15 anos e a menina Ana Maria dos Santos Gomes, de 5 anos de idade.

O seu funeral teve efeito no dia seguinte, domingo, para o cemitério de Rio de Mouro, com grande acompanhamento.

Lamentando tal facto que veio ferir dolorosamente todos os seus, «A Província» endereça as suas condolências a toda a família em luto e, em especial, ao nosso estimado amigo e assinante, sr. Francisco Conceição Cola, concunhado do extinto.

Excursão a Coruche

A Tertúlia Tauromáquica de Montijo, leva a efeito no próximo Domingo, dia 16 deste mês, uma valiosa excursão à vila ribatejana de Coruche, para assistir ao jogo Coruche-Montijo, do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, com partida desta vila às 9 horas da manhã. Assim, é facultada uma interessante digressão turística aquela progressiva vila e prestar o necessário apoio à embaixada montijense, que ali vai defender as cores do nosso Clube representativo no desporto futebolístico.

Trespasa-se

— ESTABELECIMENTO de Drogeria em bom local com boa clientela.
Nesta redacção se informa.

AGENDA UTILITARIA

Farmácias de Serviço

5.ª feira, 13 — *Higiene*
6.ª feira, 14 — *Diogo*
Sábado, 15 — *Giraldes*
Domingo, 16 — *Montepio*
2.ª feira, 17 — *Moderna*
3.ª feira, 18 — *Higiene*
4.ª feira, 19 — *Diogo*

Virgílio Martins da Costa

Agradecimento

Maria Moreira Brandão; seus filhos, Mariana, Perpétua, Corina e Maria Carolina Moreira da Costa, José Martins da Costa, Virgílio Martins da Costa Júnior, António Júlio Moreira da Costa, Cipriano Moreira da Costa e restante família, confessam-se por este meio muito reconhecidos a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada seu saudoso marido, pai e parente, pedindo desculpa de não o fazer pessoalmente por desconhecimento de algumas moradas.

Câmara Municipal de Montijo

Reunião do Conselho Municipal

Conforme disposto no art.º 31.º do Código Administrativo, convoco o Conselho Municipal, para uma reunião extraordinária a realizar nos Paços do Concelho, no dia 15 do corrente, pelas 15,30 h., a qual se destina à discussão e votação do plano de actividades e bases do orçamento.

Montijo, 8 de Novembro de 1958

O Presidente da Câmara,
a) José da Silva Leite

Leilão

No próximo dia 29 de Dezembro de 1958, pelas 13 horas, serão vendidos em leilão todos os penhores que devam três ou mais meses de juros em atraso, na casa Santos & Miranda, Lda; Rua da Cruz - 23 23 - A, em Montijo.

Inglês

— Dão-se explicações, a preços módicos. Informa na R. José Joaquim Marques, 229 - A - R/C - MONTIJO.

Perdeu-se

— PULSEIRA DE OIRO, na R. José Joaquim Marques, em Montijo, objecto estimativo. Dá-se retribuição de quantia superior ao seu valor. Pede-se a quem a achou, para se dirigir a este jornal.

Vende-se

TERRENO, para construções, a 15\$00 o m.², na Lançada.
Trata Joaquim Rocha, R. Sacadura Cabral, n.º 1 - Montijo.

Vendem-se

— DUAS MORADIAS no Afonsoeiro - Montijo.
Trata Joaquim Rocha, R. Serpa Pinto, 43 telefone 030065.

Licenciada em Ciências Económicas e financeiras

— Dá explicações em casa na Av. Luís de Camões, 9 - 3.º - Dt.º MONTIJO.

Grande Concurso

de Prognósticos de Futebol

Continuamos hoje a publicar os cupões de prognósticos deste sensacional Concurso, que tanto sucesso está obtendo na época actual

1.º Prémio semanal a conceder na 1.ª fase:

Esclarecem-se todos os concorrentes deste Concurso que, a partir desta semana, por razões de ordem administrativa, o primeiro prémio passou a ser de Escudos 500\$00, o qual já será aplicável para os resultados do cupão n.º 9, nos jogos a efectuar em 16 do corrente mês.

Resultado do Concurso de Prognósticos

Cupão N.º 8, de 9-11-58 — Cupões entrados: 208

VENCEDOR: — José Jorge Mendes de Oliveira, residente no Alto Estanqueiro, que acertou em catorze resultados, a quem compete o 2.º prémio, de Esc. 100\$00, a receber nesta redacção por compras, em estabelecimento à sua escolha.

Deserminação das classificações por concorrentes: 1 com 14 resultados certos; 6 com 13; 19 com 12; 38 com 11; 45 com 10; 57 com 9; 19 com 8; 12 com 7; 4 com 6; 4 com 5, e 3 cupões inutilizados.

TOTAL 208 cupões

N. B. — Cupões inutilizados: — 1 de Alfredo C. Lopes, de Vila Real de Santo António, por ter sido recebido o cupão n.º 7; 1 de Alexandre Mendes Pires, por vir emendado e incompreensível e 1 de Abilardo José de Oliveira, por vir mal escrito e incompreensível, (ambos do cupão n.º 8)

Campanha Pró-Clube Desportivo de Montijo

Cupão n.º 7 — de 2 do corrente

Cos 174 cupões entrados, acertaram nos vaticínios relativos ao jogo Montijo-Juventude, de Évora, pelo resultado favorável ao nosso clube, 24 concorrentes, com 42 empates e 108 derrotas.

Cupão n.º 8 — de 9 do corrente:

Dos 205 cupões entrados válidos, do jogo Montijo-Serpa, acertaram pelo resultado favorável ao C. D. M., 203 concorrentes, com 2 empates.

ATENÇÃO

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão

Pela realização dos jogos das selecções Nacional e Militar a efectuar em 16 e 23, não tem validade o jogo Caldas-Cuf, constante do nosso cupão n.º 9, para o dia 16.

CORTE POR AQUI

Cupão N.º 10			
Concurso de Prognósticos de Futebol de «A Província»			
Domingo, 23-11-58			
2.ª Divisão (Zona Norte)		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Leixões	Tirsense	Atlético	Sacavenense
Peniche	Chaves	Almada	Arroios
Marinhense	Oliveirense	Beja	Farense
Portalegre	Boavista	Montijo	Oriental
Salgueiros	Gil Vicente	Estoril	Coruchense
Sanjoanense	Vianense	Olhanense	Serpa
Vila Real	Espinho	Portimonen.	Juventude
Campeonato Militar			
Portugal		França	

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 10

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 23

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

O resultado final não traduz a superioridade dos locais

Montijo, 2 - Serpa, 1

As equipas alinharam: MONTIJO: — Redol; Mora e Barrigana; Veredas, Pinto e André; Barriga, Serralha, Rodrigues, José Paulo e Romeu.

SERPA: — Veríssimo; Eduardo e Ferreira; Amaro, Janeiro e Cecilio; Bêtinho, Mateus, Macarrão, Quim e Moreno.

Árbitro: Henrique Heitor, de Lisboa.

O Montijo entrou em campo na firme disposição de lutar por um resultado convincente, com um adversário que quase o igualava em pontos na tabela da classificação.

No primeiro minuto de jogo a equipa local, podia ter-se colocado em vencedora, se não fosse Serralha ter desperdiçado soberana ocasião de baliza aberta.

Lançando ataques à baliza adversária, obrigando o reduto defensivo, desta, a trabalho aturado, os locais, tardaram em marcar a sua superioridade, no aspecto de golos; umas vezes, porque a sorte os não acompanhava; outras, porque

Veríssimo se opunha com decisão, mas principalmente, porque não encontravam serenidade no momento de remate. Aliás, foi isto bastante notório em todo o encontro.

O resultado de dois golos sem resposta favorável à equipa da casa, com que se atingiu o final da primeira parte, não traduzia o domínio dos Montijenses, mas era castigo à sua falta de pericia na grande área adversária.

Na segunda parte, voltámos a ver ataques sucessivos dos visitados, domínio intensivo, mas ainda com menos resultados de finalização, porquanto, não conseguiram marcar golos. Nos últimos minutos do prélio, os locais amoleceram um tanto, permitindo aos Serpenses a obtenção do ponto de honra.

Os golos Montijenses foram obtidos no 1.º tempo, por Romeu e J. Paulo e, o do Serpa no 2.º tempo, por Mateus.

A equipa do Serpa, deu-nos a ideia de bastante frágil, salientando-se a grande altura o guar-

dião Veríssimo, e a espaços Bêtinho.

Dos Montijenses, todos procuraram cumprir, com realce de André, J. Paulo e Pinto.

A arbitragem merece boa nota, com o senão de ter perdoado um penalte ao Serpa, aliás, bastante facilitada pela excelente correcção das duas equipas.

Artur Lucas

BASQUETEBOL

Um acidente sofrido por Tomás, devido à desnecessária violência empregada pelo adversário, impossibilitando-o de continuar a jogar, levou a equipa a ser pesadamente derrotada.

Barreirense, 101 - Montijo, 19

Jogo disputado no passado sábado, no Ginásio do Barreirense, a contar para o Campeonato Regional de Setúbal.

Alinharam e marcaram: BARREIRENSE — Eduardo Nunes (4), Quaresma (4), José Macedo (27), Albino Macedo (9), Jorge da Silva (12), Ferreira (15), Nelo (16), José Valente (14) e Climaco. MONTIJO — José Maria (5), Américo, Sousa (2), Ribeiro, Adriano Lucas (5), Elisário (5), Tomás (2) e Mocho.

Árbitros — Bernardo Soeiro e Frederico Sobral.

O Montijo partiu para o Barreiro, convencido de que perderia esta partida com os actuais campeões nacionais, mas não, por uma marcação tão elevada.

O jogo principiou em bom andamento, sendo os montijenses os primeiros a marcar, por intermédio de José Maria.

O Barreirense desde o início, consentido pelos árbitros, começou a ter tendências de usar uma certa dureza nas suas jogadas, o que lhe dava grande vantagem, porque os seus jogadores são fisicamente superiores aos montijenses.

O resultado desta tática não se fez esperar.

Jorge da Silva numa entrada mais brusca, embora não intencional, com uma violenta cotovelada, abriu a arcada superior do olho direito de Tomás, impossibilitando-o de continuar a jogar.

Tomás foi socorrido no hospital da C. U. F., onde o ferimento foi suturado com três pontos naturais. A turma do Montijo, vendo-se privada do seu «capitão» e organizador de jogo, ficou desmoralizada e não é de admirar que ao intervalo o resultado fosse 46-6, favorável ao Barreirense.

O jogo recomeçou na mesma maneira, com os desmoralizados montijenses, a serem dominados, e ao soar o apito para finalizar o jogo o resultado era um exagerado 101-19, pontuação que o Barreirense nunca alcançaria, se o jogo tem decorrido normalmente.

Os árbitros agindo da forma como agiram neste Barreirense-Montijo, estão prestando um mau serviço ao basquetebol, porque basquetebol não é luta livre.

O próprio Barreirense pode ser prejudicado com esta tolerância dos árbitros, que fecham os olhos à maior parte das faltas pessoais, o que lhes pode acarretar certas dificuldades em jogos disputados fora do nosso distrito ou no estrangeiro.

Quando será que os árbitros hão-de compreender que o Barreirense é a melhor, ou uma das melhores equipas de basquetebol do nosso país, e que para vencer qualquer adversário não necessitam da sua ajuda?...

Em reservas o Montijo foi vencido por 75 - 27

Neste jogo de reservas deu-se um episódio, que merece ser narrado para melhor podermos avaliar o que foi o trabalho dos árbitros, especialmente o sr. Frederico Sobral.

Em certa ocasião estavam disputando a posse da bola, o jogador montijense Heitor e um adversário; o jogador barreirense puxando pelo braço do montijense, fez este dar uma reviravolta por cima das suas costas, com tamanha perfei-

(Continua na página 3)

MOSAICOS

Por António Garcez da Silva

(Continuação da primeira página)

artística, assinalada pelas mais sérias interpretações dos grandes Mestres, foi, ao mesmo tempo que um dos mais competentes chefes de orquestra, um modelo de probidade.

Um jornal espanhol, por ocasião da sua morte, contava um facto edificante, para atestar a sua intransigência com certas «habilidades» que repugnavam a este músico probo, que dizia, ao ser-lhe perguntado qual o segredo das suas magníficas interpretações: — «Não há segredo algum. Tudo se resume em a orquestra e eu dar-mos ao público exactamente o que o autor escreveu».

Sucedera que numa noite, em que o célebre Caruso cantava e Toscanini dirigia a orquestra, aquele resolveu fazer uma dessas habilidades vocais, para lisongear o gosto dum público falho de verdadeira cultura musical — e sustentou uma nota, quanto a sua voz lho permitiu, ante o pasmo desse público, suspenso.

Toscanini, que aliás admirava o cantor, mas que não pudera calar a sua repulsa perante tal exagero, gritou-lhe irónico do seu estrado:

— Então, Caruso, terminaste já?

** Dissera Platão que ser simplesmente atleta não basta; mas ser apenas artista é dissolvermo-nos e abandonarmos-nos além do conveniente.

Não encontramos conceito mais expressivo para nos dar a justa medida em que o homem deve dedicar-se à actividade física e à intelectual. E esta justa medida, este equilíbrio, constituem um

ideal de cultura, bem evidente na Grécia antiga.

E já lugar comum evocar-se este povo, quando se pretende exemplificar esse ideal. Mas, na verdade, nenhum povo o possuiu em tão alto grau; nenhum povo ficou na História como símbolo duma cultura integral, alcançada através do movimento, da beleza dos jogos olímpicos celebrados em honra de Júpiter, como através dos jogos de Dialéctica, disputados no esconso dum pórtico da cidade de Atenas.

Que coisa impressionante esse jovem lançador de disco, já pela expressão artística do movimento e pela beleza da força que simboliza, já pela altura do espirito helénico, expresso na arte sublime de Miron, que o soube representar.

** As salas de escultura do Museu do Louvre voltaram a poder ser visitadas à noite, tendo sido criado um ambiente admirável, por meio da incidência da luz indirecta sobre as obras primas que se guardam naquele museu.

O efeito deverá ser surpreendente, fantástico! A estatuária egípcia, assíria, grega, romana. . . irá adquirir ali uma nova expressão — e deverá ser espectáculo de maravilha — mirabilis visu! — contemplar uma «Vitória de Samotrácia», mais alada, quase imaterial, erguida num vôo mais alto na claridade ambiente, as suas asas de mármore palpitando na luz!

** Sacha Guitry definiu assim o homem culto: — «Aquele que ouviu falar de Toulouse-Lautrec antes de ver o filme «Moulin Rouge»

“Este vale de lágrimas...”

Crónicas de ROMEYRA ALVES — N.º 4

Com as férias, a minha rua foi, durante alguns meses, uma rua quase deserta e silenciosa, apenas quebrada, de vez em quando, pelo ruído dum automóvel, em angustioso chiar de freios e gemidos de pneus, em curvas de «rallye».

Agora, porém, férias terminadas, tudo voltou à normalidade...

Quase todos os meus vizinhos voltaram já de férias — as merecidas férias depois de muitos meses de trabalho — porque só aqueles que, como eu, limitam as suas férias a sonhos irrealizáveis, ficaram nas suas casas, na rotina do dia a dia que não muda nunca...

Eu, para aqui fiquei, no quarto modesto da pensão da D. Vicência — cada vez mais difícil de aturar — contentando-me com o ar pouco fresco, respirado, à tarde, na janela, enquanto não serviam o jantar, ou tagarelando, em conversa sem sentido, com o louro da dona da casa.

Com o Zacarias em Sesimbra — praia da sua muito especial predilecção — as nossas saídas nocturnas, sem destino certo, em que nos limitávamos a conversar, e a ver as montras, que é afinal das coisas que ainda não custam dinheiro, tiveram de ficar sem efeito.

Desta feita, pobre de mim, fui-me limitando, como disse, a ver os outros carregarem as malas, de abalada para termas, praias, ou campo, num desejo natural e humano de retemperar forças e res-

pirar um ar mais puro do que o ar viciadíssimo da capital.

No fundo — e não somos dos mais egoístas — tivemos pena de vê-los partir... e de não podermos seguir-lhes o exemplo. E' que, valha a verdade, todos nós aspiramos, muito embora sem o quererem confessar, a uns diazinhos de férias, a uma escassa meia dúzia de dias, longe do bulício da cidade, de ar viciado e ruídos ensurdecadores, onde a vida é sempre igual e o que havia para ver já foi visto.

E' que, afinal, nós, como os outros, trabalhamos todo o ano, dia após dia, mês após mês — e, como os outros, temos as nossas aspirações, os nossos anseios de evasão, ainda que mais não seja por escassa meia dúzia de dias, desta cortina de fumo e ruído que nos sufoca, na humana intenção de purificar os pulmões para mais um ano de trabalho.

Mas... para nós, isso não passou, mais uma vez, de sonho mil vezes sonhado, de quimera nascida no caos da imaginação... e sem promessas de realização... E, mais uma vez, os nossos horizontes não foram ultrapassados para além do que nos oferece a varanda da D. Vicência e tivemos que contentar-nos, uma vez por outra, com um passeio digestivo; uma vez ou outra, o cinema e uma ou duas imperiais, acompanhadas do respectivo pires de tremoços, que os mariscos subiram

como termómetro em febre de moribundo.

Os outros, esses, gozaram as suas férias, gastando à larga, não se lembrando do dia de amanhã, porque o dinheiro não faltou e, como imã poderoso, atrai sempre mais dinheiro...

Esse, o caso do vizinho que ainda ontem regressou de férias, acompanhado da família — mulher e dois filhos, a Milocas e o Natinho (espécie de corruptela de Renato) — e duma infinidade de malas, que atravancou o passeio até à partida do taxi que os trouxera da estação.

* * *

Há cinco anos — ainda parece que foi ontem — não passava dum modesto empregado, como nós, sem aspirações, que as não podia ter, nem sonhos de grandeza. Dum momento para o outro, porém — ninguém sabe como — tudo mudou na sua vida e, hoje, nem parece o mesmo...

Dizem que a sua casa é um autêntico museu e que a mulher — uma analfabeta, a quem nem os cursos de Educação de Adultos fizeram efeito — trata as criadas (três, nada menos) como os antigos senhores deviam tratar os escravos...

A filha, a Milocas, dizem que já namorou mais de meia dúzia e passa as tardes nos «chá-canasta» e nas «matinéas» elegantes, embora, segundo consta, em casa, não seja capaz de estrelar dois ovos.

O filho, o Natinho como

lhe chamam, retrato fiel do menino estilo «filho-família», inútil e imbecil, que fuma cigarros com filtro, passa as tardes dizendo baboseiras pelas esquinas do Chiado, metendo-se com quem passa e tem mais que fazer.

Mas ele passa, agora, na rua, ar altivo, não falando a ninguém, com o ar de pessoa que não se rebaixa a quem consigo não pode competir monetariamente.

O seu nome não vem ao caso, mas dizem — más línguas, evidentemente — que ganhou rios de dinheiro em negócios que a Justiça, se deles tivesse conhecimento, teria imediatamente cancelado.

De qualquer das maneiras, verdade ou mentira, ele pouco se importa com isso, fazendo a sua vida à grande, como soe dizer-se, gastando à larga e passando na rua ao volante do seu «espada» último modelo, da média dos vinte aos cem quilómetros...

Regressou ontem, como disse, depois de dois ou três meses dumas férias bem passadas.

Que Deus o trouxesse em bem, mais à família. Que nós, mal por mal, ainda preferimos, apesar de tudo, as nossas amenas cavaqueiras sem sentido, com o papagaio da D. Vicência...

EVOCANDO O PASSADO...

(Continuação da última página)

nunca será demais dar um pouco de si mesmo, cada um, àqueles que incondicionalmente renderam suas vidas, seu Génio e Paixão. Imortalizemos com Glória, os nomes desses, que tal como nós, sofreram, amaram e morreram, sem contudo, perecerem em nossas memórias.

Minda Pires

Notícias de Setúbal

(Por Rui Oliveira)

— Na Capela do Senhor Jesus do Bonfim, realizou-se no passado dia 11 do corrente a tradicional festa em honra de S. Martinho, com o seguinte programa: às 9,30 h. missa e comunhão geral e às 17 h. conclusão da festa com sermão e benção do Santíssimo Sacramento.

— No Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Panificação em Setúbal realizou-se no passado dia 8 do corrente, pelas 21 horas, uma sessão cinematográfica promovida pela F.N.A.T. — Delegação desta cidade — e dedicada aos associados e famílias com exibição do filme «A Coragem de Lassie» e documentários. Nos dias 9 e 11, respectivamente nas Casas do Povo de Amora e Quinta do Anjo, realizaram-se idênticas sessões.

— Decorreu animado o pic-nic comemorativo do 1.º aniversário da fundação do Grupo Desportivo «Os Ibéricos» de Setúbal realizado no penúltimo domingo no Retiro das Amoreiras. Na parte de variedades actuaram elementos do programa «VOZES DO SADO», entre eles Victor Hugo em imitações, Armando Carvalho em canções e o jovem acordeonista setubalense de 12 anos Jorge Manuel, que já actuou na Rádio Televisão Portuguesa. A locução esteve a cargo de Alírio Vinhas. Para o dia 16 do corrente no mesmo local está em organização outro pic-nic familiar deste Grupo.

A vida do imortal Compositor

«VERDI»

(Notas recolhidas por Eduardo S. Baeta)

No dia 12 de Outubro de 1813, nasceu no lugarejo de Le Roncole, em Itália, Giuseppe Verdi, considerado pela maioria dos apaixonados de Opera, como o maior compositor da geração.

Filho de um estalajadeiro chamado Carlo Verdi, o menino revelou um talento precoce desde os quatro anos de idade, quando já vivia agarrado a um violinista ambulante, chamado Bagasset.

Um músico do lugar deu lições ao pequeno Verdi e, aos doze anos, ele se tornou organista da igreja de Le Roncole.

Aos dezoito anos, o jovem músico foi aconselhado a continuar os seus estudos no Conservatório de Milão, com a promessa de ter o curso pago por um fundo Municipal.

Giuseppe partiu cheio de esperanças. Mas na sua audição, os julgadores viram apenas um rapazinho desajeitado, cujas roupas, idade e posição ao piano eram inteiramente inadequadas. Rejeitaram o maior músico que já bateu às suas portas e, (anos depois penitenciaram-se mudando o nome da sua escola, para Conservatório Verdi).

Em 1836, o jovem Verdi, casado e vivendo em Milão, compôs a sua primeira tentativa «Oberto».

Foi, então, que a tragédia os feriu, pois que Virgínia, a primeira filha de Verdi, a jóia do pai — morreu em Agosto de 1838, um mês após o nascimento dum segundo filho do casal.

Ganhando a vida como podia, regendo coros e orquestras, compondo marchas e músicas sacras, fazendo orquestrações, procurou atrair a atenção de Merelli, empresário do «Scala», de Milão, mas este muito ocupado, sempre perseguido por jovens compositores, não lhe deu atenção.

Entretanto, uma amiga desconhecida trabalha para os Verdis imersos em dor, pela morte do segundo filho.

Giuseppina Strepponi, o primeiro soprano do «Scala», convenceu Merelli de que «Oberto», merecia ser ouvido.

Obteve um êxito moderado e o director ofereceu a Verdi contratos para três outras óperas, em condições generosas.

Enfraquecida pela ansiedade e pelos desgostos, Margherita — esposa de Verdi, morreu após breve doença.

Verdi corajosamente cumpriu o contrato, mas havia tão pouca alegria na produção que foi recebido com váias, que o jovem acobardado recebeu como um ulular de lobos. «Nunca mais comporei», jurou Verdi.

* * *

Durante meses ninguém o viu, até que Merelli o encontrou e fez-lhe voltar a compor.

A sua ópera «Nabucodonosor», Rei da Babilónia que levou os judeus ao cativeiro, foi aplaudida delirantemente, desde o tempestuoso coro inicial até ao último toque de trombeta.

O «Rigoletto», que ele compôs em quarenta dias, pôs termo a uma carreira agitada de doze anos de trabalhos exaustivos, escrevendo e dirigindo, tornando Verdi rico e famoso.

Dando liberdade ao seu espírito escreveu dois anos depois, «Il Trovatore», em vinte e nove dias, e, enquanto estava em ensaios, ele já trabalhava em «La Traviata», inspirada no célebre romance «A Dama das Camélias», de Alexandre Dumas.

Por essa época, casou-se com Guiseppina Strepponi, a mulher que anos antes o tinha recomendado ao empresário Merelli.

Pendurou o chapéu surrado de tantas viagens a Paris, Madrid, Londres, São Peteresburgo, (agora Leninegrado), etc., desviou-se do mundo da ribalta, dos aplausos e tornou-se agricultor.

Mesmo retirado, para solenizar a inauguração do Canal de Suez, o imperador do Egito, encomendou a Verdi uma ópera.

«Aida», foi levada à cena no Cairo, triunfalmente na véspera do Natal de 1871, e o teatro quase foi abaixo com tempestades de aplausos.

Com setenta e três anos, seria de supor que estivesse terminado o trabalho de sua vida, mas o «Scala» anunciou uma nova obra de Verdi.

Subiu o pano e começou «Otello», que ainda hoje é considerado por muita gente como a mais profunda ópera, jamais escrita.

Imaginar-se-ia que era o canto do cisne, mas, aos oitenta anos, Verdi deu ao mundo o «Falstaff», com uma ligeira de movimentos, que mais parecia de um autor em plena juventude.

Depois da morte de Guiseppina, retirou-se para um hotel em Milão, onde morreu a 27 de Janeiro de 1901.

Dedicou todos os direitos das suas óperas, para a fundação e manutenção de uma «Casa de Repouso», para músicos idosos e de valor.

Carta Aberta

A' Minda Pires, com amizade

É com prazer que respondemos à sua última correspondência, na qual nos fez uma resenha muito anti-humana do viver citadino e uma desenvolvidíssima reportagem do aldeão, onde não faltam exagerados encómios e abusivos adjectivos. É sinal perfeitíssimo de que

Sim; como toma contacto diário e pessoalmente com ela, portanto, vive-o, julga, pelo seu espírito amante da paz e amor, que a velha aldeia ainda nada em existência patriarcal. Logo, como fazer um juízo são e imparcial, dando teóricamente vida? Para isto é imprescindível sentir este viver, ou melhor, vir de abalada até cá, para o avaliar.

Por - Joaquim Acácio de Figueiredo

está redondamente enganada: e, mormente, de que não o conhece.

E quer saber por quê? Porque ele já não é, de longe, aquele que Júlio Dinis e inúmeros outros, dum modo altruista, descrevem e pintam nos seus famosos romances.

Aquele bucólico quietismo, manchado somente pelos miseráveis soalheiros, deu lugar, actualmente, a um irrequieto egoísmo, ébrio de sensações e de pilhérias.

Não se ria, pois estamos-lhe narrando objectiva e subjectivamente aquele aspecto que lhe é desconhecido nas suas características essenciais. Se não fosse, não se deixava subjugar pelo azedume que lhe merece a cidade.

É palpá-lo e escutá-lo nas suas imensas faltas para depois discernir qual o caminho a enveredar. Assim, demonstra só que está eivada dumas patranhas fúteis e anti-práticas. Recorde-se, sempre, que o conhecimento corporal nesta matéria, ultrapassa os madrigais de meia dúzia de utopistas.

Para não sermos muito extensos e para poupar espaço a este jornal que muito benévola nos atendeu; e, sobretudo, para ficar alguma coisa para a próxima carta, vamos tentar elucidá-la sobre alguns casos perigosos e que estão a desenvolver-se assustadoramente no ambiente campesino.

Jovens, ou por outra, crianças, vivem uma vida dissoluta; mulheres, idosas até, e casadas, só estão bem na falácia da vida alheia, é por tudo e por nada que a língua permanece num afiamento prodigioso; e, homens, embriagados pelo sensualismo do sexo oposto e pelas suas belas falas, deixam-se arrastar. Têm-se dado casos lamentáveis, chegando à poligamia. Confesso-lhe, já não há pudor, e então as agentes do seu sexo, estão desarranjadas. Aqueles atributos antigamente tão cantados pelos poetas, hoje são recantados pelos sádicos.

Não encolha os ombros, porque nós não temos por norma cultivar a mentira; e, dê plena aceitação ao que lhe transmitimos. Olhe que o temos vivido, isto é, analisado profundamente nos objectos próximos.

Está já muito difundido, entre as nossas camadas baixas e altas. Como lhes traz benefícios físicos, não recuam. Vão na onda. E como o século, por sua vez, é de existencialismo e de inconformismo, eis os resultados. Parece que é uma doença, — e talvez seja —, a radioactividade anda muito espalhada e quiçá influenciará o psíquico para o egoísmo, o sensualismo e a pieguices e desbobinarem. Para quem nutre uma filosofia barata, mas com ínfimas pretensões, este estado de coisas causa aborrecimento. Não porque não o conheçamos, porém, pelo medo de nos deixarmos perverter.

Jovens, ou por outra, crianças, vivem uma vida dissoluta; mulheres, idosas até, e casadas, só estão bem na falácia da vida alheia, é por tudo e por nada que a língua permanece num afiamento prodigioso; e, homens, embriagados pelo sensualismo do sexo oposto e pelas suas belas falas, deixam-se arrastar. Têm-se dado casos lamentáveis, chegando à poligamia. Confesso-lhe, já não há pudor, e então as agentes do seu sexo, estão desarranjadas. Aqueles atributos antigamente tão cantados pelos poetas, hoje são recantados pelos sádicos.

Escusa de estar, portanto, tão zangada com a sua cidade, que cá, na aldeia, os ares citadinos já se vão dissolvendo. E por isso, o que lhe digo, é o seguinte: em qualquer lado que se viva, temos de sofrer a nossa tragédia! Logo, façamos por cumpri-la o melhor que pudermos, na certeza de que conforme o procedimento, assim viveremos felizes e seremos lembrados com prazer.

Visado pela Censura

EVOCANDO O PASSADO...

POR - MINDA PIRES

No momento que passa e, em cada canto existe a mercê do apreço e da censura.

Vamos ao longo do caminho onde se debruçam os eleitos da vida; os pleiteados da constância e da nobreza individual.

Vidas que perecem na conquista do Bem, na luta árdua pela minoria do sofrimento alheio, corações que se abrem à desventura das gentes e ao grito estridente da dor.

Aqui, e mais além em cada e qualquer lugar onde o homem viva, o génio transfigura o passado, escancaram-se as múltiplas formas da divisão, o génio criador não cessa, e em cada dia agita a fonte enobrecedora do pensamento, rasga o véu do desconhecido.

Não pára este desejo seu, de mais saber — quer o homem saber — quer passar ao «lá» volve os escombros do Ego, perscruta o íntimo da sua alma, afunda-se em es-

tudos diversos e profundos, tentando reduzir ao nulo, o vácuo em volta de si mesmo. Mas, a mesma barreira intransponível que os séculos de incógnita não volveram ainda, faz do homem um lutador consagrado, porque se o homem na verdade é amante da Ciência, dá-se inteiramente a ela e às suas descobertas.

Entrega-se sem sacrifício ao impalpável, ao invisível, à doce visão do seu desejo, à imaginária realização duma união conjecturada dos seus íntimos anseios.

O homem pensa ser grande por si mesmo, não vacila, encara as situações como um desafio do Porvir, queda-se hoje abstracto, amanhã engrandecido, momentos há em que a vida tolda todo o seu anseio de uma densa neblina de contrariedades, ilusória é, tal aparente prostração, ele não recua, e a eminência do progresso reclama-o, e; então, o mesmo, parecendo adormecido, desperta mais audaz, mais corajoso e persistente, nessa persistência louvável revigora o «Eu» de feitos passados.

Dá as mãos à Ciência num progresso contínuo e a marcha tem rotina, é mais que surpreendente, é admirável, digna do nosso apoio, e incitamento.

Deixemos que a cortina espessa e fria da indiferença não alcance lugar espectável, banido do conceito elevado, admirações imerecidas a tudo quanto o homem faça que o não dignifique, mas coloquemos no pedestal honroso e conquistado todos aqueles que à vida do semelhante dão, seu saber, esforço e dedicação, na consagração completa das suas vidas, ao serviço da Ciência e do Bem Comum da Humanidade.

Honremo-lo sim, eternizemos a sua recordação e
(Continua na página 5)

CRENÇA

Para Pascal Deus existe,
Nega-o Voltaire e Renan;
Se num a crença persiste
Nos outros... palavra vã.

...E eu sendo tão pequenino
Nas Letras, néscio, sem arte,
Sinto o seu sopro divino,
No mundo, por toda a parte.

Manuel Giraldo da Silva

YOGHURT

BOM DIA

Fonte de Saúde e Energia



Preparado sob controle científico

Saúde o corpo com Yoghurt BOM DIA

BIOLACTA - R. Luís Augusto Palmeirim, 15-A-B

LISBOA - Telef. 775027

António Feijó

Uma das Lídimas Glórias da arte poética...

POR - SOEIRO DA COSTA

António Feijó — legou-nos obra de impressionante e relevante Obra Poética, que se encontra coligida, em um único livro, que constitui para os seus raros possuidores, visto que foi inferior a edição para os seus inúmeros admiradores, jóia de inapreciável estima e valia.

Está ela subordinada aos seguintes títulos: «Transfiguração», «Líricas e Bucólicas», «A Janela do Ocidente», «Cancioneiro Chinês», «Primavera», «Estio», «Outono» e «Inverno», «Alha dos Amores», «Auto do meu Afecto», «Alma Triste», «Durante a Procela», «Bailatas», «Sol de Inverno»,

«Lendas e Fábulas» e «Novas Bailatas»; compreendendo cada título apreciável número de poesias, em que o genial poeta — Aristocrata do Verso —, evidência notabilíssimas qualidades de Artista.

Toda a sua Obra interessa vivamente o Espírito Culto e nos diz de uma Alma vogando muito Alto e servida por superior Cultura, o que ali se revela — como afirmação de génio criador e notável temperamento de Artista.

De toda ressalta a subordinada ao título «Sol de Inverno» — a maior maturidade

do seu Espírito, como alto expoente e Ascése da sua personalidade, que, penso assim, deve ser merecidamente considerada de Insigne Poeta e uma das Lídimas Glórias entre os nossos afamados trovadores e cantores do Verso.

Tive a alegria e honra de lhe ter sido apresentado por uma outra glória do Foro Português, o Ilustre e Notável Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, — Conselheiro Augusto Carlos Cardoso Pinto Osório e meu amigo, passando a contar mais outro sob o meu maior apreço e desvanecimento.